



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MBA BUSINESS INTUITION**

IARA FRANCO SPEROTTO

**MULHER E LIDERANÇA:
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

**Restinga seca, RS.
2016**



IARA FRANCO SPEROTTO

**MULHER E LIDERANÇA:
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão de curso do MBA Business Intuition Identidade Empresarial, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, como requisito parcial para obtenção do título grau de especialista.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Josiane Barbieri
Co-Orientadora: Prof^ª Dr^ª Noemi Boer

**Restinga seca, RS.
2016**



IARA FRANCO SPEROTTO

**MULHER E LIDERANÇA:
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão de curso do MBA Business Intuition Identidade Empresarial, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, como requisito parcial para obtenção do título grau de especialista.

Banca Examinadora:

Orientadora: _____

Prof^ª. Dr^ª. Josiane Barbieri

Co-orientadora: _____

Prof^ª Dr^ª Noemi Boer

Membro: _____

Membro: _____

Restinga seca, RS.

2016



SPEROTTO, Iara Franco. **Mulher e liderança:** uma narrativa autobiográfica. 2016. 24 f. (Trabalho de Conclusão de Curso) Pós Graduação MBA Business Intuition-Identidade Empresarial, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Seca, RS.

Resumo

Neste estudo busca-se relatar as contribuições da aplicação do conhecimento e da consultoria ontopsicológica nas esferas pessoal, familiar e de liderança empresarial. De modo específico, procurou-se contextualizar a temática no cenário do agir da mulher nos papéis de esposa, dona de casa, mãe e filha, bem como a importância da inteligência masculina na superação das dificuldades enfrentadas pela mulher. O estudo, de natureza narrativa autobiográfica, refere-se à autora-pesquisadora, empresária de 53 anos. O enquadramento teórico utilizou autores contemporâneos e, principalmente, as obras de Antonio Meneghetti. Constatou-se que a mulher, se quer ser líder, deve abandonar os estereótipos culturais sem entrar em oposição com o homem ou com a sociedade.

Palavras-chave: Ontopsicologia. Gênero, Pesquisa autobiográfica. Autonomia Feminina.

Abstract

This study aims to show the impacts of knowledge and ontopsychological counseling on personal, familiar and business leadership spheres. Basically, it was intended to contextualize the theme within the women's acting scenario while playing the roles of wife, housewife, mother and daughter. The importance of male intelligence in overcoming the difficulties faced by women was also taken into consideration. The study is based on an autobiographical narrative and focuses on the researcher's own profile, that is, a 53-year-old businesswoman. The theoretical framework followed studies developed by contemporary authors, especially the ones proposed by Antonio Meneghetti. The conclusion was that, if women want to become leaders, they must abandon the cultural stereotypes without trying to oppose themselves to men or society.

Keywords: Ontopsychology. Gender. Autobiographical research. Women's

1 INTRODUÇÃO

De fato, somos acontecidos. Agora existimos, factualmente coincidimos com esta exceidade, portanto do possível nos tornamos 'eis-me'. 'Eis-me': daqui principia toda a demonstração de qualquer concreto; a minha lógica tem fundamento na medida em que essa minha exceidade a sustenta. (MENEGETTI, 2013b, p. 389).

Na civilização ocidental, a organização familiar estabeleceu-se a partir do modelo que consagrava a divisão de papéis em que, ao homem cabia o trabalho remunerado e à mulher os afazeres da casa e os cuidados com os filhos. Esse componente cultural que buscou transformar as mulheres em cuidadoras, com atitudes associadas à função materna e de dona de casa, foi se diluindo ao longo do tempo por diferentes razões. Nesse processo, contribuíram tanto os movimentos sociais, voltados à emancipação da mulher, quanto às mudanças socioeconômicas e culturais que marcaram o século XX. Diante do empobrecimento da população, a mulher passou a se inserir no mercado de trabalho para ajudar no sustento da família. Mesmo assim, enfrentar situações constrangedoras como salário mais baixo pela mesma atividade ou cargo ocupados por homens (FLECK; WAGNER, 2003).

Questões relativas a gênero passaram a integrar as políticas internacionais, estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) que primam pela superação das atuais condições da mulher e pela igualdade de gênero, que ainda não foi atingida plenamente nas sociedades contemporâneas. Considerando este cenário, a ONU estabeleceu, como terceiro Objetivo do Desenvolvimento do Milênio (ODMs)¹ *Promover a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres* (ALMEIDA, 2007). Na atualização desse documento, para o período 2015 - 2030, a ONU manteve a essência do ODM citado e reforça a necessidade de garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015).

Com a emancipação da mulher e a busca da igualdade de gêneros, as relações na esfera do trabalho também estão se modificando, de maneira que, assim como os homens, as mulheres colocam as suas competências à serviço da sociedade e não apenas da família. Como resultado, elas passaram a adquirir autonomia financeira que lhes garantem

¹ A Declaração do Milênio da ONU traço oito objetivos, conhecidos como ODMs, que foram desdobrados em 18 metas e 48 indicadores, para serem atingidos até 2015 (ALMEIDA, 2007). Para o período 2015-2030, a ONU estabeleceu os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), com 17 objetivos e 148 metas.

benefícios como a segurança social, a aposentadoria e uma salvaguarda contra a pobreza, viuvez ou até separação (GONÇALVES, 2012).

Com o passar dos anos e com as novas exigências sociais, a mulher foi conquistando espaço e junto configurou-se também a liderança feminina que, historicamente, tem sido um papel predominantemente masculino. No entanto, em diferentes esferas, observa-se que o principal fator para que essas transformações ocorressem foi a tomada de consciência da própria mulher. Contribuíram para o empoderamento feminino, o acesso à educação e à formação profissional, bem como ao autoconhecimento da mulher. Em vista disso, há sempre um componente de ordem interior que facilita ou impede a sua evolução (GONÇALVES, 2012; MARINHO, 2004; SCHUCH, 2013).

Barbieri e Andreola (2012) constata em seus estudos que, em relação aos homens, a participação de mulheres nos âmbitos intelectual, econômico, político e social, ainda é minoritária. Nas observações a respeito dos motivos que determinam essa condição, as autoras questionam se seriam determinantes históricos ou a mentalidade cultural das diversas nações e os conflitos interiores não elaborados adequadamente pela própria mulher.

Este ponto que faz com que a mulher não decida ser para si e que a impede de crescer está relacionado, segundo Meneghetti (2013), em grande parte, à ambivalência feminina. O autor esclarece que atualmente o mundo está disposto a favorecer o protagonismo feminino, porém, a mulher ainda não descobriu como se faz para ser protagonista. Pontua, também, que é necessário atingir o conceito da natureza íntima e verdadeira da mulher para se alcançar um mundo melhor. Ainda, observa que as grandes mulheres da história comprovaram a existência de uma mentalidade especificamente feminina, por serem mulheres que perceberam a própria força e cumpriram a ação histórica correspondente à sua identidade e ao seu projeto de natureza, que ultrapassa o papel de mãe, de filha, de esposa, de amiga (MENEGETTI, 2012; 2013).

Seguindo esta linha de raciocínio, buscou-se responder, neste estudo, o seguinte problema de pesquisa: Que aspectos do agir feminino (nas esferas pessoal, familiar e empresarial) podem ser identificados, em uma narrativa autobiográfica, como significativos para a tomada de decisão, a superação dos estereótipos², e imposição de um novo modo de agir da mulher?

² Estereótipo: “cunho, marca, sinal, modelo. Um pré-estabelecido como unidade de medida ou de igualdade a outros. Um modelo de comportamento geral que se faz referência de outros semelhantes e que se torna valor de apoio para individualizar segurança e razão dialética com a sociedade. Um comportamento caracterial apreendido do externo” (MENEGETTI, 2012 p.99).

Para chegar a uma resposta ao problema levantado este estudo tem como objetivo geral relatar a aplicação do conhecimento ontopsicológico na tomada de decisão necessária à superação dos estereótipos e impositação de um novo modo de agir da mulher, a fim de que ela conquiste a própria autonomia econômica e a liderança social.

De modo específico, procurou-se contextualizar a temática no cenário do agir da mulher nos papéis de esposa, dona de casa, mãe e filha. Foram identificados e nomeados os principais pontos que impedem o crescimento e realização da mulher na visão da ciência ontopsicológica, bem como a importância do homem (marido/companheiro) como inteligência complementar, apoio e estímulo à superação das dificuldades encontradas por parte da mulher para crescer e conquistar sua autonomia e independência econômica e psicológica.

A relevância do estudo que se apresenta está relacionada às possíveis contribuições dos conhecimentos da escola Ontopsicológica à compreensão do fenômeno estudado. Em particular, tem relevância à autora-pesquisadora porque representa a superação de uma situação delicada de vida (doente, infeliz, com muitos complexos e estereótipos familiares e religiosos) e necessidade de impositação de um novo modo de agir. No entendimento de Josso (2004), é necessário investir na busca da felicidade, na busca de si mesmo e de um sentido para viver. O *case* também pode servir de exemplo ou inspiração para outras mulheres, principalmente para as que se encontram motivadas a atingir níveis mais elevados de compreensão do universo feminino e profissional.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza narrativa autobiográfica. Apresenta uma fase da vida da autora-pesquisadora, empresária de 53 anos, corresponde à tomada de decisão, no plano pessoal e familiar (dona de casa, esposa e mãe), necessária à superação de estereótipos ou modelos de comportamento, e à impositação de um novo modo de agir para conquistar a autonomia econômica e liderança empresarial.

De acordo com Clandinin e Connelly, (2011), a pesquisa narrativa é uma forma de entender a experiência pessoal e social. Esses autores explicam que a vida é preenchida por fragmentos narrativos vividos em momentos históricos de tempo e espaço, entendidos em termos de unidades narrativas e de descontinuidades. Assim, as narrativas buscam construir entendimentos que façam sentido à vida de forma mais geral, e são utilizadas, de forma efetiva, na Antropologia, Psicologia e Administração, além da Educação.

O arcabouço da pesquisa narrativa está associado à teoria da experiência de Dewey, é tridimensional e compreende as noções de *situação* (lugar, contexto); *continuidade* (passado, presente e futuro) e, *interação* (pessoal e social) (CLANDININ; CONNELLY, 2011). Segundo esses autores, toda experiência se desenvolve a partir de experiências anteriores, portanto é um mover retrospectivo e prospectivo entre passado, presente e futuro.

Clandinin e Connelly (2011), consideram central na pesquisa e no pensamento narrativo as dimensões de: a) *temporalidade* - localizar as coisas no tempo é a forma de pensar sobre elas; b) *pessoas* - em qualquer tempo, as pessoas, estão em processo de mudança e é importante poder narrar uma pessoa em termos de processo; c) *ação* – a ação é vista como um símbolo narrativo e centra-se na forma como é compreendida e interpretada; d) *certeza* - as interpretações dos eventos podem ter sempre um senso provisório, geralmente expresso como um tipo de incerteza, sobre o significado de um evento, portanto é necessário considerar que há outras possibilidades de interpretação e outros modos de explicar as coisas; e) *contexto* - o contexto é necessário para dar sentido a qualquer pessoa, evento ou coisa e inclui noções temporal, espacial e relação com outras pessoas.

De acordo com Lovchelovich e Bauer (2004), a abordagem narrativa refere-se ao fato de que o autor irá relatar uma experiência já vivenciada, em que serão colocadas uma sequência de acontecimentos que atribuíram sentido à vida individual e social dos envolvidos.

Quanto à análise da narrativa, seguiu-se aspectos selecionados de duas técnicas de análise de entrevista narrativas, apresentadas por Lovchelovich e Bauer (2004), quais sejam: a proposta de Schütze e a análise estruturalista.

Da proposta de Schütze foram observadas as proposições indexadas e não indexadas. As proposições indexadas têm uma referência concreta e dizem respeito a “quem fez o que, quando, onde, por quê?” (LOVCHELOVICH; BAUER, 2004, p. 106). Isto corresponde aos aspectos cronológicos da análise estruturalista que dizem respeito a sucessão de eventos ou episódios que abrangem ações, contextos e espaços temporais que estão presentes na história narrada. Corresponde também às categorias do pensamento narrativo de temporalidade, pessoas, ação e contexto descritas por Clandinin e Connelly, (2011).

Na análise estruturalista as proposições não indexadas podem ser de dois tipos: descritivas e argumentativas. Descrições se referem a como os acontecimentos são entendidos e vivenciados pelo narrador, aos valores e opiniões ligados a ele e às coisas usuais e corriqueiras. A argumentação se refere à legitimação do que não é aceito

pacificamente pelo narrador e a reflexão em termos de teorias que explicam os fatos. Neste estudo, a teoria de base para explicação dos acontecimentos foi a Ontopsicologia³.

Na compreensão de Lovchelovich e Bauer (2004), as proposições não indexadas contemplam também os aspectos não cronológicos da análise estruturalista que correspondem às explicações e razões encontradas como pano de fundo dos acontecimentos, aos valores e juízos ligados aos fatos narrados. Isto pressupõe identificar a rede de relações e sentidos que dá à narrativa sua estrutura como um todo.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

O *case* é apresentado em unidades narrativas seguidas de análise fundamentadas, prioritariamente, nos conhecimentos da Ontopsicologia.

Narrativa 1 - Contexto histórico 1

Empresária, 53 anos, é segunda entre quatro irmãos homens. Casada há 26 anos, 3 filhos, duas meninas e um menino, com idade de 25, 22 e 16, respectivamente.

De família humilde, aos 15 anos começou a trabalhar de telefonista em uma grande empresa produtora de papel. O pai trabalhava muito para sustentar a família, apesar de não ter ambição na vida. A mãe, dona de casa abnegada e trabalhadora, mas nitidamente uma mulher frustrada pela vida sofrida e falta de perspectivas por parte do marido.

Aos 18 anos parou de estudar para ajudar o pai a construir a casa própria, todo dinheiro que ganhava entregava para ele comprar material de construção. Não tinha roupas para vestir-se adequadamente para o trabalho e, muitas vezes, usava roupas dos irmãos. Esses também trabalhavam, mas, ao contrário dela, passavam para o pai apenas uma parte do dinheiro que ganhavam.

Observa-se, nesse fragmento que o enfrentamento da autora com o passado narrativo transforma histórias secretas em histórias públicas. Atualmente, existe um distanciamento espacial e temporal do fato narrado, no entanto, esta narrativa é necessária à compreensão do *case* como um todo. Identificam-se, na postura da autora, características de uma jovem comprometida com o trabalho e com a responsabilidade familiar.

O fato dos irmãos não contribuírem totalmente com os ganhos para a construção da casa da família mostra que, na condição masculina, era permitido usufruir mais liberdade em oposição à postura submissa da filha mulher. O comportamento da autora-pesquisadora também pode ser entendido como a busca por um primado afetivo na esfera familiar, ou seja, para ser amada, necessitava corresponder aos estereótipos femininos prevalentes

³ Ontopsicologia: “significa estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, incluída compreensão do ser; estudar psicologia segundo as coordenadas do real ou intencionalidade de ação-vida, ou ação ser. Trata-se de partir do real fato antropológico e não da cultura ou das suas reflexões” (MENEGHETTI, 2012, p. 193).

naquele contexto e a forma encontrada foi aquela de abrir mão de si mesma em prol de seus pais.

Todo jovem precisa de uma base econômica, pois para ele isso significa liberdade, autonomia. Se não tem uma base econômica, o próprio dinheiro, está sempre sob empréstimo. Essa base econômica é o trabalho, é o lugar que lhe dá renda, onde vai construir a própria riqueza. Neste ponto, a mulher já erra desde muito jovem, quando age dentro de um modo cultural, se inferiorizando em atitudes como: deixar o homem pagar a conta, abrir a porta do carro, em troca perde sua liberdade, sua autonomia (MENEGHETTI, 2013c). Na narrativa 1, percebe-se que a autora, dando todo seu dinheiro ao pai, perde a possibilidade de edificar a própria autonomia e liberdade, fundamentais para que possa construir uma identidade pessoal e igualmente feminina, que não esteja em total conformidade com os estereótipos prevalentes no contexto social. Referimo-nos especialmente ao estereótipo de filha, o qual pressupõe que a jovem deve sempre portar-se de forma submissa e servil perante a família e ao gênero masculino.

Narrativa 2 - Contexto histórico 2

Aos 25 anos, já com uma condição um pouco melhor, voltou a estudar ingressando na faculdade de Administração. Fez dois anos do curso e veio o casamento. Logo em seguida engravidou da primeira filha e abandonou o trabalho e os estudos para dedicar-se à família.

O marido, provedor e protetor, fazia tudo por ela, não precisava nem ir ao banco, pois a secretária dele mandava talão de cheques, dinheiro, pagava contas, enfim, ela perdeu o contato com o mundo sócio econômico, vivendo apenas os papéis de mãe, esposa e dona de casa.

Foi quando começaram a surgir as doenças: uma forte depressão pós-parto da segunda filha; enxaquecas e labirintites que a deixavam até dois dias na cama sem poder movimentar a cabeça. Sempre que isso acontecia, o marido deixava tudo o que estava fazendo e vinha para casa para tomar conta dela. Quando passava os finais de semana com a família do marido, chegava em casa correndo e dirigia-se ao banheiro para vomitar, e com fortes dores de cabeça. Os médicos tratavam os sintomas como originados por labirintite e problemas de fígado.

Assim, se passaram 10 anos. Como não entendia a situação que viva, tentava preencher o vazio sentido com natação, aulas de inglês, salão de beleza, SPA, etc. Nesta época já tinham uma condição financeira muito boa, uma bela casa, empregados, viajava com a família, tinha o seu próprio carro, enfim, uma vida que parecia muito “tranquila”, e socialmente admirável, mas não se sentia feliz.

Um olhar retrospectivo é ilustrado pela história das doenças que, de modo infantil, a autora-pesquisadora cultivava como forma de obter a atenção e o primado do marido e dos filhos. Uma atitude inconsciente, socialmente aceita e fundamentada numa ambivalência interior. A ambivalência muitas vezes impede a mulher de se tornar uma grande líder. Na hora da tomada de decisão surge a dúvida entre construir sua personalidade em base ao que realmente é ou adotar aquele modelo de comportamento aprendido na infância.

Segundo Meneghetti (2009, p. 37), “se o homem tem problema de estupidez, a mulher tem o problema da ambivalência”. Na idade de quatro anos, a mulher já é falsa, isto é, já joga o seu teatro como “dupla”. Para esse autor, “toda mulher – ainda que não compreenda, ainda que não saiba a fundo – percebe constantemente em si mesma uma divisão. Sente que é mulher e que deve ser mulher-fêmea sempre do mesmo modo” (2013b, p. 35). Portanto, a mulher não tem liberdade para ser além daquilo que aprendeu desde a infância. Na realidade, ela tem medo de ir ao fundo de si mesma. Muitas vezes, a mulher sente-se de um modo, mas age de outro, sem ter a coerência do próprio interesse egoísta. Esta ambivalência – entre ser conforme a sua identidade ou aos estereótipos da feminilidade, fica evidenciada no fragmento 2, pois, na medida em que ela abre mão de si para servir a família (deixa de trabalhar, estudar, frequenta os familiares do marido etc.), encontra-se doente. É como se seu corpo ‘gritasse’ a inconsistência de seu estilo de vida.

Essa ideia é reforçada por Meneghetti (2013b, p. 36), na seguinte afirmativa: “Parece que o caráter fundamental da mulher seja o da ambivalência constante, que tem como escopo vencer o jogo prejudicando outro, homem ou mulher que seja.” Segundo o autor, a mulher nasce com uma graça explosiva e vencedora, o problema é que ela joga com esta graça em níveis baixos de mediocridade para conseguir a desgraça do outro, que pode ser o marido, ou qualquer outro no qual faz recair a culpa.

Schuch (2013, p. 47) entende que “nós, mulheres, somos frequentemente do tipo ‘obstinada, mas não decola’. Temos ótimas ideias e, enquanto ou depois disso, o homem formaliza, realiza e vence, frustramo-nos porque sabemos que a ideia foi nossa”. Em síntese, a mulher faz sempre um teatro, um jogo onde o outro deve cometer erro e ela permanecer continuamente como vítima. Na maioria das vezes ela não tem consciência deste teatro, não percebe que neste jogo quem perde é sempre ela. O teatro, neste caso, é o da dona de casa perfeita, da mãe abnegada e exemplar, da esposa dedicada ao seu marido que, posteriormente, deve fazer-se presente como pai, como cuidador, provedor de todas as necessidades da mulher.

Narrativa 3 - O Início da mudança

Em 1999, engravidou do terceiro filho e, nesta época, o marido conheceu o Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro e o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. Ele passou a estudar ciência ontopsicológica, a fazer psicoterapia de autenticação e coaching empresarial. As mudanças começaram a acontecer.

Foi um período muito difícil, pois as mudanças de comportamento do marido geraram um desconforto na família dele que se opôs e insistia para que ela fizesse algo para ele desistir.

No aniversário de um ano do filho, o marido estava na Itália em sua primeira atividade de estudos fora do país. Para evitar críticas da família, mentiu que estava participando de uma feira em Milão.

Nesta narrativa, é interessante observar que a decisão de mudança inicia com o marido, logicamente, um homem capaz. Decide mudar a si mesmo e depois impulsiona a evolução da esposa. No início, essas mudanças também incomodavam muito a autora, pois não entendia o que estava acontecendo, e sentia-se muito insegura.

Certamente, é muito importante para o homem favorecer o sucesso da mulher que tem a seu lado, caso contrário ela poderá usar os próprios filhos para destruí-lo. (MENEGETTI, 2005). Segundo o autor, é importante que a própria companheira seja uma mulher de ação no seu campo e que ela consiga realizar a sua ambição, pois somente assim é possível o amor juntos. Por consequência, a partir da mudança dos pais, ocorre também o amadurecimento dos filhos como de fato pode ser constatado na narrativa seguinte.

Narrativa 4 - A inteligência masculina

*No início de 2001, o marido chega do trabalho, - ela estava preparando o jantar - e pede para ela parar o que está fazendo e ouvir o que ele tinha a dizer. E ele fala: “**você precisa sair de casa, achar algo para fazer. Eu não quero que você chegue aos 60 anos, olhe para trás e me culpe pela sua frustração!**”*

Para ela foi um choque, e a primeira coisa que lhe veio à cabeça foi que estava perdendo o marido. Com jeito, ele a convenceu a fazer um curso do Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) denominado Empreendedorismo e Tecnologia (EMPRETEC) que começaria na semana seguinte.

As filhas, uma com onze e outra com nove anos, apoiaram a ideia do pai, e incentivaram a mãe a fazer o curso. Ela aceitou o desafio, mas no segundo dia queria desistir, chorava muito, e falava para o marido que aquelas pessoas que estavam fazendo o curso eram totalmente diferentes dela, que ela era a única dona de casa, que não trabalhava fora e não tinha curso superior. A insistência do marido e das filhas não a deixou desistir.

A posição do marido foi decisiva na mudança que viria a ocorrer na vida da autora-pesquisadora. Segundo Meneghetti (2009), se o homem é realmente grande e ama a mulher que está a seu lado, ele ajuda esta mulher a crescer, pois sabe a força negativa de uma mulher frustrada. Ele entende que se realmente a quer a seu lado precisa ajudá-la.

O autor argumenta que é inútil tentar atingir ou condenar a mulher, pois o problema está no homem que é estúpido. A mulher faz teatro e o homem apaixonado torna-se inferior, perde a inteligência. Pode-se perceber o teatro feminino, quando ela manifesta a intenção de desistir do curso que frequenta alegando que é a única dona de casa no grupo, que não trabalha. No entanto, nesse momento, ela não recorda que anteriormente, quem decidiu abrir mão do estudo e do trabalho foi ela mesma. E, no momento em que tem todas as possibilidades para voltar a ter o seu protagonismo, coloca-se como insegura e medrosa. É

interessante notar como a mulher mostra-se ambivalente justamente quando tem a possibilidade de avançar na construção de sua autonomia e liberdade. A família, marido e filhas, por outro lado, vendo e contatando a situação da autora, continuam a incentivá-la, o que sem dúvida determina um novo modo de agir da autora, que resolve enfrentar a situação de modo inteligente.

“A mulher é importante para um homem, pois quem consegue entender a mulher, entende a vida.” (MENEGETTI, 2009, p. 28). Esse autor entende que “quase sempre, onde existe uma mulher que se sobressai, existe uma grande inteligência masculina escondida. Definitivamente, um grande homem deveria desenvolver ou melhor construir a própria mulher, se a quer” (2009, p. 126). Esta afirmativa corrobora a posição do marido da que coloca em prática o conhecimento ontopsicológico. Afinal, de acordo com a autora-pesquisadora, o autor de referência nesta análise, se um homem quer estar junto a uma mulher, ele precisa facilitar para que ela se realize, só assim poderão caminhar juntos.

A mulher, sem dúvida, sempre sofreu com os estereótipos sociais e com as políticas econômicas, voltadas, predominantemente, para o gênero masculino. Em decorrência disso, na maioria das vezes, a mulher torna-se frustrada, ataca e culpa o homem. Nesse caso, pode-se observar que a mulher também quando encontra todas as facilidades e o incentivo por parte do homem, da sociedade e da família, ainda assim persiste em continuar repetindo modelos de referência e comportamento passados. No contraponto, se o homem realmente ama a mulher que tem a seu lado, procurará ajudá-la para que tenha o seu crescimento e sua realização. E isto denota inteligência, ou seja, valorizar as pessoas, independente do gênero, que são válidas para atingir o seu escopo.

Narrativa 5 - Primeiros passos da mudança

No final do curso realizado no SEBRAE era outra pessoa, animada e cheia de planos para iniciar um negócio. Primeiramente, pensava em uma lavanderia. Com auxílio do marido, começou a procurar um local, fazer orçamento de máquinas, tudo com certa dificuldade, pois, com vocabulário pobre, não sabia falar com os fornecedores, gaguejava no telefone e lhe faltavam palavras.

Concomitante a esse período, um cunhado, iniciou um projeto de uma fábrica de tintas. O marido sugeriu que ela entrasse na sociedade. Como os outros dois sócios não poderiam aparecer nesta empresa, pois ainda faziam parte de outro negócio de tintas, coube a ela iniciar a organização da firma juntamente com um técnico do ramo de tintas. Superadas as dificuldades iniciais e com vontade de aprender, foi perdendo todos os medos e conseguiu fazer a montagem da fábrica.

Nesta época, sentindo a necessidade de estudar e de ter conhecimento profissional para impor confiança aos sócios, que a consideravam ainda dona de casa e mulher dedicada aos filhos e ao marido, começou a fazer consultoria de autenticação com uma ontopsicóloga, em São Paulo. A partir daí iniciaram as grandes conquistas, como por exemplo levar o carro para uma revisão em Curitiba, dirigindo, pela primeira vez, em uma rodovia. Ou, a primeira viagem de avião, sem a companhia do marido. Essas, para ela, eram conquistas únicas, que lhe permitiram ter um sentimento até então não experimentado.

Um olhar introspectivo está representado pelo sentimento de liberdade e de retomada de sua capacidade de fazer ao dirigir pela primeira vez em uma rodovia. Esses fragmentos de histórias costurados na memória da autora-pesquisadora mostram que quando uma mulher decide internamente, emerge uma potencialidade até então desconhecida ou não atuada até aquele momento. Esse processo de autoconhecimento e mudança iniciou com as sessões de *consultoria*. Meneghetti (2013a, p. 30) explica que “a consultoria ontopsicológica de autenticação é o processo de training, de formação que consente ao sujeito recuperar, em consciência, o quântico de inteligência que é.”

Para Meneghetti (1999, p. 24) “O homem normal, no âmbito de psicologia, já é um ponto de chegada. Mas o escopo do processo de autenticação em psicoterapia ontopsicológica é a criatividade: *fazer o gênio a partir do potencial de natureza*”. O autor argumenta que na fase de cura, “o sujeito que está mal deve desfazer-se de modelos que não funcionam, ao invés, o assim denominado ‘normal’ seria aquele que tem alguns modelos que funcionam, isto é, possui modelos de comportamento valorizados pelo contexto onde se encontra [...]” (1999, p.24). Portanto, o indivíduo precisa de ajuda técnica para reencontrar o equilíbrio instintivo. Nessa perspectiva, é importante individuar uma solução para responder às situações que se apresentam, e a autora toma nesta decisão, agindo em favor de seu quântico de inteligência nativo.

Narrativa 6 - A decisão de mudança

A participação em um Residence, dirigido ao público feminino, no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro marcou o início de uma nova vida. O relacionamento com o marido e os filhos começou a mudar. O marido passou a dormir em outro quarto, o que para o casal foi muito positivo. Os comentários eram muitos, pois essa atitude significava que o casal estava separado. As filhas também não entendiam, não aceitavam, e deixaram de trazer as amigas para dormir em casa, pelo que elas pudessem pensar a respeito dos pais.

Depois de algum tempo, explicaram às filhas os benefícios de dormirem em quartos separados, e o quanto essa simples mudança tinha melhorado a vida do casal. A partir daí, elas não só aceitaram como começaram a dizer que se um dia viessem a se casar, fariam o mesmo. As mudanças adotadas no estilo de vida geraram comentários na família e entre os amigos que passaram a admirar essa atitude, mas não tiveram coragem de fazer o mesmo.

Nesta unidade narrativa, a autora-pesquisadora rememora a condição psicológica feminina que a estruturou em direção a um estado de frustração interna. Para Meneghetti (2013b, p. 42), “qualquer psicologia feminina – para além das frustrações sociais, do

homem, da família – tem a própria raiz da tipologia aprendida pela simbiose diádica⁴ com a mãe. De resto, constantemente a mãe odeia e, contemporaneamente ama a filha”. Portanto, se a mulher odeia a filha vai tentar passar para ela todas as suas frustrações e infelicidade, dizendo que como nasceu mulher será pisada pelo mundo da mesma maneira que o mundo pisou nela. Que será uma falida. Porém, se a mãe ama a filha vai projetar nela todo aquele paraíso que teria perdido na infância, ou seja, viverá a filha como ampliação das próprias fantasias.

Segundo Meneghetti (2013b, p.43), a “o ponto fundamental é que a mulher deve se libertar dessa cadeia subterrânea que cada mulher reforça na outra. Se não se liberta da díade profunda com a própria mãe, a mulher jamais poderá ser a si mesma segundo o potencial da própria vida. Em ontopsicologia, “a mãe é o adulto que serviu como primeira informação existencial [para a criança]” (MENEGETTI 2013b, p. 40). Desse modo, a mãe não tem obrigatoriamente um sentido biológico, pode ser qualquer adulto que a criança tem maior referência afetiva: a avó, a tia, uma freira, a babá. Nesta parte da narrativa, a autora corrobora que a mãe pode ser um modelo positivo para a filha, incentivando-a a buscar, também ela, novos modos de agir que possam reforçar a identidade no sentido funcional.

Narrativa 7 - As primeiras experiências como empresária

No decorrer dos 11 anos da empresa de tintas ocorreram muitas mudanças: um dos sócios saiu no segundo ano, voltando para São Paulo; o outro sócio entrou para a política, se candidatou a prefeito da cidade e foi eleito. As dificuldades em conciliar a vida pública com as atividades da empresa forçaram a venda de sua parte à empresária que passou a tocar o negócio sozinha. A partir de então, a firma foi toda reestruturada. Foi injetado capital, feito um trabalho grande de marketing e contratado um químico experiente no ramo de tintas. a

*Nesta época, também surgiu a necessidade de voltar a estudar. A empresária não queria mais em seu currículo: “Segundo Grau Completo”. Em 2007 fez vestibular e passou para o curso de bacharelado em Administração. Formou-se em 2011 recebendo prêmio de melhor aluna da turma, sendo, também, a mais velha. Diante disso, a sua segunda filha, disse: “**Não fez mais do que a obrigação, você era a mais velha da turma!!!**”*

No fulcro da análise, observa-se o desejo de realização da empresária autora-pesquisadora: ter um currículo acadêmico compatível à função que exercia. Observa-se também, na expressão da filha, uma atitude comportamental típica de segundogênita, contemporaneamente crítica e inteligente.

⁴ Díade. Significa: “movimento a dois, onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente. É uma unidade de ação que parte de dois centros, um dos quais não pode viver sem a coexistência do outro polo. Díade é um conceito mais forte do que simbiose, porque a relação diádica implica absoluta necessidade do outro.” (MENEGETTI, 2010, p.235).

A mulher quando consegue realização pessoal e profissional, quando está centrada, segura de si, realiza a sinergia, ou a unidade de ação, entre ser e conhecimento, e pode fazer o que quiser. Esta é a mulher líder coordenadora, reguladora de realidade, portanto pode impostar o mundo e as relações (MENEGHETTI, 2013).

Narrativa 8 - Enfrentando o preconceito

Em 2009 o marido vendeu sua parte na empresa da qual era sócio na cidade onde viviam, e foi morar em outra cidade, para começar um novo negócio, longe dali. A empresa era de grande porte e estava muito bem, o que ocasionou estranhamento na família que não entendia porque se desfazer de um negócio que estava indo tão bem. “Está ficando louco?”

Mais uma vez a autora se depara com os comentários e questionamentos da família a respeito do que estava acontecendo com seu marido e se ela não temia que essas mudanças o afastassem dela e dos filhos.

Aos poucos os comentários foram diminuindo, a família do marido percebeu que eles estavam bem, e ela passou a ser exemplo para algumas mulheres, que começaram a se libertar e fazer o mesmo.

Em 2011 o marido levou o filho para morar com ele. No início o rompimento desta diáde entre mãe e filho, foi muito difícil para ela. Ficou uma sensação de vazio, e ela se sentiu muito sozinha.

Nesta fase, a autora-pesquisadora se depara novamente com os preconceitos da família, mas como já está mais segura, acaba se divertindo, e ao mesmo tempo ignorando os comentários e questionamentos. A decisão do marido em levar o filho para morar com ele, a princípio pareceu, para a autora, uma atitude egoísta por parte dele, mas com o passar do tempo percebeu o quanto esta atitude tinha sido positiva para ela que superou uma dependência afetiva. O filho tornou-se mais independente e responsável. O marido teve que quebrar diversos estereótipos, como ir às reuniões de pais, levar e buscar o filho na escola, ajudar a comprar roupas e uniformes escolares, enfim mudança total de hábitos e atitudes, que também colaboraram para um relacionamento saudável entre pai e filho.

Barbieri e Andreola (2012) dizem que “A autorrealização da mulher permite uma evolução serena e autossustentável, ou seja, que se amplifica em resultados sociais, no respeito pela cultura local e pelo meio ambiente. “Ainda, para as autoras, politicamente são as mulheres que possuem maior probabilidade de conhecer e defender os seus direitos e promover o desenvolvimento local, que posteriormente repercute no contexto global.

Narrativa 9 - Relação mãe e filhos

A autonomia da mãe se tornou a liberdade dos filhos. Os três saíram de casa para estudar aos 15 anos. A mais velha se formou em Engenharia Química na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e em Administração na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A outra filha foi para São Paulo com 17 anos, morar sozinha e cursar Publicidade e Propaganda na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). O menino, aos 15 anos, viajou sozinho, para estudar no Canadá. Venceu a burocracia do país, atualmente está no segundo ano do Ensino Médio e faz planos para fazer o curso superior em uma faculdade canadense ou na Alemanha.

Inicialmente observa-se que os filhos são o resultado visível da mudança dos pais. Se os pais não tivessem mudado, com certeza os filhos teriam tomado um rumo semelhante ao da mãe que, frustrada, os usava como meio para se sentir útil e ocupada, tornando-os extremamente dependentes e inseguros.

A atitude da autora-pesquisadora em relação aos filhos encontra fundamento nas palavras de Meneghetti (2013b, p. 200), quando refere que “Uma vez que os filhos estão criados, a mulher deve encontrar outro caminho a percorrer, por exemplo, uma profissão, de outro modo, colocando-se atrás dos filhos, será mais frustrada”. A família tem os seus prazeres caso nunca se esqueça que, antes dos filhos, existem os pais.

Para o autor supracitado, “*Os filhos nunca são para os pais, são para a vida*” (2013b, p.200, grifo do autor). Nós os ajudamos, damos-lhes a passagem. Se nós os prendemos, ou nos matam ou adoecem. Portanto, os pais devem estar conscientes de que, devem cuidar de seus filhos até o momento em que conseguem andar sozinhos. Preparar o caminho, ensinar o que julgam estar correto para a convivência deles em uma sociedade, com princípios, uma boa educação, e quando percebem que estão prontos devem libertá-los.

Em outra passagem, Meneghetti (2013b, p. 201), declara que, “*Os filhos devem aprender a resolver sozinhos os problemas* (grifo do autor). De longe se faz uma verificação, aquele tanto que é necessário, se for necessário”. Os pais tendem a proteger a criança quando ela é pequena, se cai ajuda a se levantar, se adoece é mimado, não precisa ir à escola. Com isso a criança acaba tendo vontade de adoecer para conseguir maior atenção. Ainda, segundo esse autor, é necessário preparar os filhos para a sociedade, especialmente na ausência dos genitores. É preciso agir como maestros para o futuro dos filhos, sem dar muita aproximação nos momentos de fraqueza. “O afeto e a estima são dados quando o filho alcança um mérito” (2013b, p. 201). O autor entende que “quando os filhos estão grandes, depois dos 17-18 anos, os pais não podem fazer mais nada. O filho deve aprender a

se virar sozinho: existem os amigos, existe o seu bom-senso, ele também tem um Em Si Ontico² grande e pode aprender a usá-lo, não é um inferior” (2013b, p. 201).

Vidor (2014, p. 20), diz que “A figura materna tem a função de servir de ponte para relacionar o filho com o mundo externo, mas tem a missão de levar o educando a atingir sua plena autonomia.” No decurso do texto, o autor explica que na frustração, a mãe acaba inundando o filho de afeto, tornando-o um dependente, que só consegue sobreviver se tiver outros a seu serviço. O filho uma vez viciado, não consegue mais viver sem a presença do ponto de apoio externo que a própria mãe o habituou. Ele vai sempre querer a mãe a seu lado, pois só consegue enfrentar a vida a dois. Quando adulto vai tentar reencontrar essa figura na própria esposa, em um amante, ou em outro substituto do primeiro amor.

Narrativa 10 - Conquistando a autonomia 1

Em 2012, logo após a festa de sua formatura, a empresária resolveu vender a empresa e sair da cidade como fez o marido, alguns anos atrás. A venda foi muito rápida: o primeiro comprador já se apaixonou pela empresa, em pouco tempo fez um levantamento geral da situação jurídica e financeira, e fecharam negócio.

Naquela época, sua coach, percebendo sua ótima situação pessoal e financeira, sugeriu que fizesse um estágio com alguma empresária de sucesso, em qualquer outra área que não a sua. Ela aceitou de imediato, e a coach fez a intermediação com uma empresária que tem seu negócio no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro. Uma semana depois a empresária em questão, iniciava o referido estágio.

Os resultados deste estágio foram muito bons tanto para a estagiária como para a empresa. A empresa enfrentava um problema no acabamento do produto, justamente na parte que a estagiária entendia: uso adequado de um determinado produto químico. Ela conseguiu resolver o problema e também auxiliou em diversas mudanças e redefinição de processos dentro da empresa.

Ao final de quatro meses, terminando o estágio, a Administração do Centro Internacional de arte e Cultura Humanista Recanto, percebendo as mudanças da referida empresa, chamou a empresária/estagiária para consultoria em outra empresa do Recanto. Receosa e ainda com algum complexo de inferioridade, falou que não era consultora, e que se achava incapaz de executar tal trabalho. Após insistência, aceitou o desafio e mais uma vez o resultado foi muito bom. Somente aí a empresária percebeu o quanto havia crescido e o quanto havia aprendido nos 11 anos de sua vida como empresária no ramo de tintas.

A análise que se pontua aqui, refere-se ao entendimento de que a mulher líder deve ser livre, procurar novos caminhos e enfrentar novos desafios. Segundo Meneghetti (2013b, p. 325), “O livre arbítrio é risco de erro, mas é também a obra prima do líder, é a possibilidade de ajudar a criação.” Observa-se que autora-pesquisadora foi corajosa em deixar uma situação cômoda, mas que percebia não ser compatível com seu projeto de vida. Contemporaneamente, foi humilde em aceitar fazer um estágio com uma outra empresária com o objetivo de aprender mais, e procurar outros caminhos e outras oportunidades de aprendizado e crescimento. As mudanças, num primeiro momento, podem gerar

insegurança e medo, mas logo em seguida portam uma sensação de liberdade, de reforço à própria identidade e, sobretudo, de realização.

Narrativa 11 - Conquistando a autonomia 2

Terminado este segundo trabalho foi chamada para uma terceira empresa, também sediada no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, onde infelizmente não teve muito sucesso, por uma dificuldade do dono do negócio em aceitar mudanças. Finalizado o trabalho, voltou para Santa Catarina, no final de 2012.

No decorrer deste mesmo ano surgiu a possibilidade de fazer um MBA na Itália, o Made In Italy. Prontamente aceitou o desafio e se inscreveu para o curso. Foi selecionada, e foram dois anos de aprendizados em cultura, arte, gastronomia, em um país onde se respira cultura. Nestes dois anos a empresária quebrou vários paradigmas e venceu alguns estereótipos, como o de usar vestido, coisa que não fazia, por vergonha.

Observa-se nesta narrativa que uma vez que o líder delineou sua capacidade superior e individuou seu escopo, ele deve investir em sua formação cultural, isto é, ele deve saber um pouco de tudo (arte, música, psicologia etc.). Ele deve também dominar o seu próprio setor, só assim ele vai progredir economicamente. Deve ter uma cultura teórica e prática, ou seja, deve conhecer de modo manual e concreto, tudo aquilo que diz respeito ao seu trabalho. Como posso ensinar e passar para as pessoas, uma coisa que não domino, não sei fazer? É a inteligência do líder que vai construir a sua riqueza, os seus valores, o seu bem-estar (MENEGETTI, 2013).

Narrativa 12 - Conquistando a autonomia 3

Em fevereiro de 2013, estava em casa, em Itapema, procurando algo para fazer, pois não suportava ficar parada, quando recebe uma ligação telefônica dizendo que, no dia seguinte, teria uma entrevista com o Acadêmico Antônio Meneghetti, em Calipso, na cidade de Bombinhas. Surpresa e ansiosa aguardou o momento para conversar pessoalmente com o acadêmico, pela primeira vez.

Após algumas perguntas, Meneghetti falou: “você está fazendo a dona ciumenta, preocupando os filhos e o marido. Então, você deve voltar ao Recanto Maestro e assumir o bar da Faculdade que está abandonado”.

- Surpresa, ela perguntou: “como assim, assumir o bar? Eu não entendo nada de bar!”

- Ele respondeu: “então vá lá e aprenda! Não tem outra opção, Você tem 6 meses para aprender! Vai lá e muda a alimentação daqueles jovens”.

No dia seguinte, apavorada e com medo do que viria pela frente, fez as malas e voltou para o Recanto, sabendo que em menos de 15 dias começariam as aulas da Faculdade. Chegando em Porto Alegre, recebeu uma mensagem, com a logomarca do negócio, “Iara Bar”. Pensou: “Meu Deus, ele não quer me dar fôlego para desistir! Foi muito rápido! E eu nem gosto do meu nome”.

Passou uma mensagem de volta: “Tem que ser Iara?” A resposta: “o Professor falou que sim, e que um dia você vai saber por quê!”. E ela pensou ok, não vai adiantar discutir, afinal o Professor é o Professor!”. Mas, não custa perguntar: “pode ser Iara café? É que não vou vender bebida alcoólica, então café soa melhor”.

Chegando em uma parada para café no meio do caminho, chega a resposta da mensagem, com a nova logomarca “Iara Café”. Se você gostou já vou passar para nossa designer fazer a arte final. A empresária pensou: “puxa ele não quer mesmo que eu desista! Não está me dando tempo nem para pensar”.

As narrativas relacionadas às conquistas da autonomia elucidam aspectos de liderança vivenciados em onze anos de experiência empresarial e em outras situações até sentir-se ‘descoberta’ por Meneghetti. Contemporaneamente, observa-se a superação gradativa de questões de ordem pessoal da autora-pesquisadora e a necessidade de enfrentar desafios constantes para evoluir.

Segundo Meneghetti (2013a, p. 21) “o verdadeiro líder é o providencial do espírito no mundo como mão de auxílio para muitos. Ele é o homem que, por meio do próprio egoísmo, realiza também, o interesse público”. Ainda, para o autor, “o líder é aquele que sabe servir, que sabe fazer funcionar, que sabe construir a harmonia das relações entre todos, para que exista um nível máximo de produção de valores e de coisas” (2013a, p. 24).

Sendo assim, somente aquele que sabe servir mais do que os outros é que poderá comandar, pois fazendo, agindo, resolvendo vai mostrando e ensinando àqueles que estão em sua volta. No entendimento de Meneghetti (2013a, p. 260), “O líder não se forma nas instituições, mas, depois das instituições, continua uma formação pessoal, individual, constante”.

Nesta análise, a autora-pesquisadora rememora que, ainda hoje para a maioria das mulheres, trabalhar significa sacrificar a família, abandonar sua vida pessoal e social. A mulher cresce acreditando que é mais frágil, que deve ser submissa, educada, delicada, não deve sair sozinha, é o homem que deve pagar a conta, abrir a porta do carro. Com estas crenças e atitudes a mulher perde a sua identidade.

Schuch (2013) pontua que a mulher pensa, procura, mas não sabe o que fazer. “É bela, boa, é inteligente, tem tudo e, mesmo assim, às vezes experimenta esta particular insatisfação, falta-lhe alguma coisa, alguma coisa que determina uma tristeza, um vazio que não sabe resolver” (p. 25). Já para Meneghetti (2013, p. 259) “O líder pode fazer qualquer coisa, casar-se, ter filhos, mas a estrada preferencial da sua ambição e do seu potencial deve permanecer íntegra, não deve ser condicionada.” Observa-se aqui que, de certa forma, o princípio desta citação norteou a trajetória de vida da autora-pesquisadora.

Narrativa 13 - A estruturação do novo empreendimento

Chegando ao Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, foi direto ao bar da Faculdade, que fechado há dois meses, encontrava-se sujo e abandonado.

No dia seguinte começou a trabalhar na limpeza e organização. Para isso, acordava cedo e ficava no bar até madrugada. Dormindo de 3 a 4 horas por dia e alimentando-se mal, perdeu 6 kg em menos de uma semana. Ótimo, ela tinha dito ao Professor que estava gorda!

Nessa altura, o Professor já tinha solicitado para a empresária que mandasse fazer uma placa com o nome do negócio, e que colocasse o nome também nos aventais que ela tinha comprado, que na semana seguinte ele estaria no Recanto Maestro e iria tomar café.

Na semana seguinte, quinta-feira, pela manhã, ela está limpando o local, de luvas nas mãos, quando olha para a porta, o Professor estava entrando. Olha a máquina de café, que está desligada, e fica tomada pelo pânico. Ele vem em direção ao bar, dá uma volta em torno e fala para pessoa que está com ele: “percebe, o cheiro está diferente.” Ele se aproxima a cumprimenta e fala várias vezes: “avante, coragem!”. Ela cria coragem e fala: “Ok professor eu vou assumir o bar, mas nesta cozinha eu não consigo trabalhar”. Ele dá uma bela risada e fala: “É por isso que escolhi uma empresária, não consegue ficar fechada! Ok, tem até domingo para me passar um projeto”.

Assim que ele saiu, ela ligou para o arquiteto que fazia os projetos do Recanto Maestro e ele veio em seguida. Ela passou tudo que precisava, ele fez o projeto o qual foi apresentado para o Professor que aprovou e liberou para que ela fizesse a ampliação da cozinha.

Chamou a pessoa que anteriormente tomava conta do bar, pediu ajuda para encontrar os fornecedores e para ela ensinar a respeito do bar. Logo contratou uma pessoa que já era garçom, e começaram a aprender tudo, inclusive fazer café!!!

Passaram-se algumas semana e o Professor Meneghetti foi novamente ao café, o qual estava mais organizado, funcionando. Todos os funcionários estavam de uniforme e lenços na cabeça, a empresária ofereceu um chá com mel e passas de banana. Ele perguntou se eram da região e ela respondeu que sim. Ele ficou o tempo todo falando “tudo perfeito, tudo perfeito, avante, avante.”

Depois disso, a empresária reformou o ambiente, fez cursos de barista, de panificação e confeitaria, participou de feiras em São Paulo, para se aperfeiçoar e atender cada vez melhor os seus clientes. Começou a cursar o MBA, Identidade Empresarial, pela Antonio Meneghetti Faculdade.

Ao relatar fragmentos de sua história de vida, a autora-pesquisadora interroga-se a respeito de um contexto multicultural e se defronta com novos enigmas de sua vida interior que nem ela conhecia. Descobriu muito de seu potencial a partir dos desafios impostos pelo Acadêmico Antonio Meneghetti.

Em sua experiência profissional, a autora-pesquisadora, vivencia, literalmente, a concepção de que o líder deve ser protagonista da sua própria vida, do seu projeto. Deve decidir fazer parte da vida, para isso deve ter a percepção do que acontece em sua volta (MENEGHETTI, 2013). Entende também que se faz as escolhas certas, se decide o melhor para si mesma, alcança um maior sucesso, e, como consequência, a satisfação e a realização. Isso se percebe pelos resultados.

Para Meneghetti (2008, p. 51) “De acordo como se age, encontra-se o próprio tesouro. É este o sentido: “a vida é bela se você sabe fazê-la bela [...] de acordo como trabalha, surge aquilo que você nunca esperou, que nunca havia sonhado.” O autor reforça que a vida não perdoa, cada um é aquilo que faz, aquilo que produz. Se faz de acordo com seu projeto de vida, terá o retorno, se erra também terá um retorno, mas a responsabilidade é sempre do indivíduo (MENEGHETTI, 2013).

O líder deve ter ambição e a coragem de pagar o preço pelo fato de ser diferente. Ele deve saber mais, fazer mais, amar o objeto que produz. Se ele ama o que produz, sem dúvida o vende. Meneghetti (2008, p. 71) diz que: “Sendo ele um indivíduo capaz e realizado, transmite realização e capacidade àqueles que comprem na sua empresa. Eis porque é imprescindível o amor por aquilo que o líder escolhe fazer.”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar aspectos do agir feminino, nas esferas pessoal, familiar e empresarial em uma narrativa autobiográfica, relativa à tomada de decisão necessária à superação e impositação de um novo modo de agir da autora-pesquisadora se constituiu no foco **central** do presente estudo. De modo específico, procurou-se contextualizar a temática no cenário e nos papéis por ela desempenhados como esposa, dona de casa, mãe, filha e, por último, como empresária. A análise, fundamentada nos conhecimentos da Ontopsicologia, permitiu a elaboração das seguintes considerações.

Na esfera pessoal a superação da doença foi uma das primeiras conquistas da autora-pesquisadora. As visitas mensais a vários médicos, com vários diagnósticos, já não faziam mais parte da sua agenda. O complexo de inferioridade, também aos poucos foi diminuindo. Todos os medos foram dando lugar a uma autoconfiança e uma felicidade que até então não havia provado. Superou a ambivalência, e tomou consciência do que significa o teatro feminino e, o quanto ele pode prejudicar o sucesso profissional e pessoal da mulher.

Em relação à família, conseguindo a sua autonomia e realização, consegue também dar liberdade ao marido, que se torna um aliado nas novas conquistas pessoais e profissionais. O marido também é um grande coadjuvante na educação dos filhos que, com a mudança dos pais, conseguem também sua autenticidade, para sozinhos conquistarem o próprio protagonismo.

No campo empresarial, superou vários obstáculos que impedem a evolução de uma empresa. Com isso, fica claro que o desenvolvimento da empresa depende única e exclusivamente da evolução do líder. A empresa é o corpo social do empresário, portanto, conscientizando e encarando os problemas fica mais fácil de encontrar a solução. No entanto é preciso continuar os estudos as consultorias, e o constante cuidado com tudo que está em volta, com as decisões e caminhos que se deve seguir, pois o complexo está sempre à espreita, e é muito fácil pôr tudo a perder.

O *case* da autora-pesquisadora evidencia que, com os estudos, consegue encontrar a si mesma e por meio da evolução individual começa a experimentar os resultados concretos de crescimento e realização em todos os outros campos confirmando a premissa de que “*A Ontopsicologia dá os pressupostos que consentem a cada um ser o centro operativo do quanto lhe acontece.*” (MENEGETTI, 2006, p. 27, grifos do autor). Portanto, é possível inferir que os resultados deste estudo podem também ser identificados na análise de outros *cases* de consultoria ontopsicológica, mas não é possível fazer generalizações, tendo em vista as variáveis que interferem em cada situação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. **Os desafios da sustentabilidade: uma ruptura urgente.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- BARBIERI, J. B. P.; ANDREOLA, M. T. Conquista da autonomia integral, em mulheres, através de projeto social e instrumento de training sociopsicológico. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, SP, v.20, n. 2, p. 491 – 508, 2012.
- CLANDININ, D. J. ; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história na pesquisa qualitativa.** Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.
- FLECK, A. C. ; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, PR, v. 8, número especial, p. 31-38, 2003.
- GONÇALVES, R. M. M. C. **Um estudo sobre a liderança feminina: motivação, bem-estar subjetivo e bem-estar no trabalho.** 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e das Organizações) – Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2012.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação.** Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.
- JOVCHELOVITCH, S. ; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. ; GASKEL , G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MARINHO, R. de M. Um novo paradigma de liderança. **Estudos em Liderança.** São Paulo, v. 6, n.1, p. 55 -74, jul/dez, 2004.
- MENEGETTI, A. **Projeto Homem.** 2.ed. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 1999.
- MENEGETTI, A. **Residence Ontopsicológico.** 3.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005.

- MENEGHETTI, A. **Nova Fronda Virescit**, Introdução à Ontopsicologia para jovens. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006.
- MENEGHETTI, A. **Modo Maschio** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2009.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Tradução Ontopsicológica Editrice. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora, 2010.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, A. **Psicologia do líder**. 5. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2013a.
- MENEGHETTI, A. **Feminilidade como sexo, poder, graça**. 5. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.
- MENEGHETTI, A. **Psicologia Empresarial**. São Paulo, SP: FOIL, 2013c.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. 2015. Disponível em: www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content. Acesso em: 18 jan. 2016.
- SCHUCH, M. A. **Mulher: aonde vais? Convém?** Recanto Maestro: M.A.S, 2013.
- VIDOR, A. **Relação entre pais e filhos: a origem dos problemas**. 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.